

O intelectual e o discurso marginal: estratégias de resistência e de (re)construção do imaginário nacional

Waldilene Silva Miranda¹

RESUMO: Temos como objetivo analisar o processo de construção de identidades culturais, múltiplas e ambivalentes e o surgimento de um novo perfil de intelectual na sociedade brasileira. Para tal, analisaremos discursos nos quais a música do Hip Hop e a Literatura Marginal serão articulados às questões sociais, pois entendemos que a conexão destes fatores favorece à produção de estratégias de resistência e de (re)significação do imaginário nacional.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Intelectual; Imaginário Nacional.

Nas últimas décadas, em especial a partir de meados de 1950 com as discussões acerca da existência de um sistema simbólico no qual a *cultura*, a *ideologia*² e a *linguagem* são pensadas a partir de complexas relações de *poder*, nota-se uma tendência dos Estudos Culturais em levantar questões relativas à emergência de discursos de minorias, sejam elas étnicas, econômicas, sociais, de gênero ou de grupos culturais.

Como este é um sistema simbólico de construção da *identidade cultural*, no qual tanto a palavra quanto as idéias revelam um posicionamento do sujeito enunciador, a *identidade* é marcada por ser “um conceito estratégico e posicional” (HALL, 2009, p.108).

Observemos o que declara Stuart Hall:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2009, p.108)

Na modernidade tardia a globalização tem gerado um complexo processo de mudanças que abalou e continua desestabilizando as identidades anteriormente fixas. E com o “deslocamento” dos “quadros de referência” (HALL, 2005 p.7) há o surgimento de identidades cambiantes, alterando a concepção hegemônica que se tinha acerca da cultura. Possibilitando uma revisão de tais perspectivas a partir da multiplicidade de expressões culturais.

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tem como orientador o Professor Dr. Gilvan Procópio Ribeiro e é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail para contato: wal.lettras@gmail.com.

² Tanto a ideologia quanto a cultura terão os respectivos conceitos pormenorizados em outra parte do trabalho.

Nesse contexto marcado pelo hibridismo, pela ambivalência e pela simultaneidade não cabe mais a estabilidade desse modelo binário e excludente que separa e agrega valor tanto ao conhecimento quanto à cultura conforme perspectivas centralizadoras. Cabe então, a mudança de foco que não só desestabiliza estas concepções como permite (re)elaborar a idéia de como os elementos culturais heterogêneos se formam, se articulam e coexistem (ainda que de forma conflitante) formando uma rede de representações que alteram todo o conceito de imaginário nacional.

Observa-se que, como a cultura, a ideologia, a linguagem e o poder estão inseridos no social e as relações estabelecidas neste espaço de práxis cotidiana do enunciador contribuem para a (re)significação deste mesmo sistema, a questão da identidade, portanto, é fundamental para entendermos a ambivalente relação entre sujeitos e práticas discursivas diferentes.

Houve (e ainda há) uma ênfase no termo cultura como necessidade de se buscar um entrecruzamento dos discursos culturais com o social, destacando as especificidades, complexidades e o contexto motivador.

Stuart Hall declara que a cultura “Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” e são “formas de energia humana” produzidas nas “inter-relações (...) vividas e experimentadas como um todo, em um dado período” (HALL, 2003, p.128). Estimulando-nos a pensar as questões identitárias na mesma complexidade e dinamismo com que são construídas e articuladas novas formas discursivas, pois pensar um sistema cultural em processo implica destacar a vivacidade que há no social, considerando a linguagem como elemento fundamental para uma constante (re)significação dos estudos de cultura. Se viver implica ter posse da palavra e tê-la acarreta a construção e a significação de um sistema social no qual a cultura está inserida, também é pela palavra que os indivíduos se identificam, se agrupam, se transformam e se tornam conscientes da posição a ser tomada.

Interessa-nos ainda o caráter interdisciplinar dos Estudos Culturais, pois pensar manifestações de ordem cultural exige que ocupemos um terceiro espaço - lugar discursivo de interseção, ou melhor, espaço de cruzamento dos saberes no qual o crítico posiciona-se para que seu discurso possa constantemente ser (re)elaborado e (re)significado a fim de criar uma rede dialógica entre eles - e assim, contemplando uma pluralidade de vozes, possa fazer uma análise abrangente e não redutora. Stuart Hall observa que “(...) se acontecer que a cultura lhes arrebate a alma, têm de reconhecer que irão sempre trabalhar numa área de deslocamento. Há sempre algo descentrado no meio cultural” (HALL, 2008, P.199).

E embora saibamos que as disciplinas acadêmicas apresentam uma densa rede de paradigmas, ainda assim, cabe frisar seu caráter redutor se considerarmos a complexidade que há em uma elaboração crítica de tais processos e sua restrição a uma única área do saber. Se podemos fazer uma leitura que agrega, por quê pensar apenas do prisma literário, sociológico, antropológico ou histórico?

Se a cultura nacional como afirma Stuart Hall, é uma construção discursiva cuja significação é composta pelos sentidos que atribuímos ao que somos e pensamos e a partir dos agrupamentos e identificações que fazemos no interior da *nação* “Uma cultura nacional é um discurso” (HALL, 2005, p.50), quais são os critérios utilizados para que os diversos discursos sejam afirmados ou excluídos do sistema de representação cultural?

A partir da perspectiva em questão, cabe destacar ainda, que pensar um imaginário nacional híbrido requer que analisemos como a dinâmica entre linguagem, ideologia e relações de poder e o entrecruzamento destes elementos atuam na construção e na articulação de identidades múltiplas, na elaboração de uma outra perspectiva acerca da formação do intelectual e no levantamento das ambivalências das representações culturais.

Partindo da análise desses discursos, nossa mirada se volta para a vida social do sujeito enunciador e produtor de categorias discursivas, pois tais enunciados passam pela ótica do intelectual em direção a sua própria existência, descortinando os dilemas daqueles que estão inseridos em um mesmo contexto de opressão. Como as relações sociais se articulam com a linguagem e atingem uma dimensão ideológica que tanto reforça quanto diminui o desequilíbrio de forças entre dominados e dominadores, torna-se crucial destacar tais fatores como constituintes de identidades em processo e como reguladores de um sistema simbólico, no qual a cultura, sob uma perspectiva que agrega experiências de minorias, também revela intervenções e mediações por parte destes sujeitos que (re)significam o plano simbólico, são (re)significados por ele e o materializam por meio das práticas comunicativas.

Ao longo da pesquisa³, vários críticos, pesquisadores, cientistas das humanidades indagavam: “que intelectual é este?”, “é o intelectual ‘orgânico’ do Gramsci?”, “é o intelectual do Said?”, “periferia não é lugar de intelectual!”, buscando a todo custo encaixar o intelectual *periférico*⁴ em um ou outro modelo teórico como se fosse possível desconsiderar as

³ Este artigo é apenas parte de um amplo trabalho de pesquisa, iniciado em 2005 (atividade voluntária ainda durante a graduação em Letras) que desde então, passou a ser o embrião do projeto que hoje, desenvolvo e aprofundo no curso de mestrado em Estudos Literários. E como este artigo aborda somente alguns aspectos, vários pontos que, aqui, estão em aberto, em outros textos eles são desenvolvidos.

⁴ Utilizamos este termo para nos referirmos ao fato deste sujeito estar à margem não apenas em relação à sua situação social e econômica que o força a morar em regiões desfavorecidas e sem infra-estrutura, mas, sobretudo, pelo fato de tanto este intelectual quanto as suas produções estarem até o presente momento, fora da Teoria, bem

especificidades que envolvem cada um destes intelectuais – que são caracterizados como tal, principalmente, por serem sujeitos que pertencem a seu tempo e a seu contexto histórico-social.

Há, portanto, a necessidade de afirmar que este é um outro tipo de intelectual. E embora para propor um novo conceito acerca do mesmo seja crucial passar pelos pontos de convergência entre as categorias apresentadas por Gramsci e por Said, dentre outros, devemos repensar tanto o perfil quanto a função deste intelectual na sociedade brasileira. Como são sujeitos que ocupam a posição de intelectuais ao atrelarem a enunciação às tensões sociais de seu tempo em prol dos dilemas que antes de serem comuns a seu grupamento social são problemas vinculados às suas próprias subjetividades, cabe enfatizar que são agentes que pensam o mundo a partir de uma *identidade pessoal*⁵; mas, criam a partir dela uma rede de diálogos com as *identidades sociais* e com o mundo. E ainda que não haja uma profunda mudança na estrutura econômica, política e social, há uma alteração no imaginário coletivo à medida que formas de poder dominantes vão sendo reveladas, identidades (re)construídas e mediações passam a intervir nas relações cotidianas e a favorecer a legitimação das expressões culturais das minorias.

O intelectual em destaque é um indivíduo que não possui necessariamente saber da erudição livresca, é morador da periferia pobre dos grandes centros urbanos do Brasil e seu discurso pode ser visto como reação às injustiças sociais, à violência e ao estigma. O forte teor político e ideológico - marca destas narrativas – contribui para a construção de identidades ambivalentes, para o diálogo entre outros discursos culturais e, sobretudo, para uma compreensão de outra possível concepção acerca dos intelectuais. O político e o ideológico aqui expressos atuam como referência a posicionamentos assumidos pelo sujeito da enunciação, relacionados respectivamente, à ação comunicativa enquanto ato político de intervenção, mediação e interação social. Sendo a ideologia pensada a partir da perspectiva de Chauí enquanto representação do “pensamento”, da “linguagem” e da “realidade” (CHAUI, 1982, p. 3).

Entender quem é esse sujeito que neste artigo nomeamos como intelectual *periférico* e pensar qual a sua função na sociedade, implica, primeiramente, em destacar o discurso deste indivíduo excluído, que ao tornar suas experiências pessoais (de miséria e de opressão) uma

como da História e das discussões acadêmicas, ou melhor, por, até há pouco, fazerem parte de um grupo heterogêneo cujos discursos foram reprimidos por uma rígida perspectiva hierárquica vinculada às grandes correntes do saber.

⁵ Tanto o conceito de identidade pessoal quanto de identidade social foram desenvolvidos a partir das perspectivas de Erving Goffman (1980, p. 116-119).

voz pública em favor do coletivo, destaca-se como um *medium*⁶ entre a voz daqueles ignorados pela história *pedagógica* e o discurso dominante.

Homi Bhabha utiliza o conceito *pedagógico* para “significar o povo como uma presença histórica a priori” (BHABHA, 2005. p.207-227), ou seja, por ser tomado pelos discursos dominantes cujo objetivo maior é reforçar um imaginário de homogeneidade. Este conceito é desenvolvido pelo crítico por contraste à concepção de *performático*, “o performativo introduz a temporalidade do entre-lugar. A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção cultural e desestabiliza o significado do povo como homogêneo” (BHABHA, 2005, p.209) construindo assim, um espaço-tempo entre passado e presente; um *entre-lugar* no qual a tensão, gera também a *suplementação*⁷ - um espaço que une o *pedagógico* e o *performático* para que haja a significação cultural.

Em meio a um contexto no qual tanto a violência quanto as desigualdades econômicas, sociais e culturais são claramente evidenciadas, o sujeito em debate se caracteriza por estar imerso na mesma situação caótica que denuncia. E ao se colocar em favor de si próprio acaba por se posicionar favorável às minorias étnicas e sociais e por se inserir em um processo de construção tanto da sua identidade quanto da identidade cultural do grupo com o qual se identifica.

A dinâmica de afirmação da identidade envolve uma constante delimitação do *locus* de enunciação. Sendo este elemento fundamental para nossa análise, pois, entender quem fala, de onde fala e para quem é dirigida a enunciação é de extrema relevância para que compreendamos como as estratégias discursivas do intelectual revelam experiências, saberes e ambivalências

Discute-se, então, a constituição de outro perfil de intelectual em virtude do deslocamento do *locus* enunciativo, possibilitando assumir o lugar de sujeito do discurso. Dando vez e voz a todos aqueles que comungam das mesmas experiências do enunciador, que as declara publicamente, em uma primeira instância, em prol de suas questões subjetivas, por uma afirmação da identidade pessoal e em outro plano, (não necessariamente posterior, podendo ser concomitante) por uma (re)afirmação dos que se identificam, se reconhecem e se

⁶ Este termo foi utilizado como referência ao intelectual periférico que se posiciona como mediador de processos sociais.

⁷ Este conceito apresentado por Bhabha em *O local da Cultura* (p. 218-222), baseia-se na idéia de um discurso que revela a diferença, permitindo o deslocamento da perspectiva centralizadora, ou melhor, trata-se de uma enunciação que vem para acrescentar o que não fora mencionado no discurso de origem homogeneizante.

agrupam em um mesmo contexto no qual os processos de interação, mediação e intervenção deste intelectual são frequentes.

Para analisar a formação desse intelectual recorreremos ao rap e à Literatura Marginal, sendo necessário fazer uma análise do discurso, na qual a exclusão social impulsiona a produção da enunciação, e esta por sua vez, altera não só a percepção do grupo como também as atividades cotidianas. E embora as áreas de exclusão sejam frequentemente abandonadas pelo poder público, cabe frisar que são locais de criativas produções artísticas e culturais, capazes não apenas de proporcionar o prazer dos receptores como de questionar formas simbólicas de violência, geradas por representações que tendem a reduzir a qualidade das expressões excluídas.

Nossa análise passa mais precisamente, pelas produções do grupo de rap *Racionais MC's* e do escritor e rapper, Ferréz. Ainda que apresentemos discursos marcados por especificidades locais, abordaremos questões e temas comuns às periferias pobres das metrópoles brasileiras. Identificaremos pontos de convergência que possibilitam aos sujeitos falarem do particular concomitantemente, lançam um olhar em relação às diversas vozes ignoradas e apresentam angústias do indivíduo que carrega as marcas de subtração em sua história e em sua cultura. Extrapolando o limite de suas comunidades excluídas e permitindo aos diversos indivíduos se identificarem entre si, partilham do mesmo sentimento de pertencerem a um determinado grupamento social⁸.

Esses enunciados são *performáticos* e como estão inseridos em um espaço e em uma temporalidade simbólica e ambivalente de *suplementação* na qual a representação da cultura passa necessariamente pelo social, tanto o espaço quanto o tempo de significação são marcados pela heterogeneidade e pela tensão provocada pela diferença entre o discurso oprimido e o discurso opressor. E é necessariamente, a partir desta abordagem que inserimos a performance do intelectual periférico como estratégia de intervenção, a enunciação que *rasura*⁹ o discurso excludente e persegue os “*rastros*” da memória antes esquecida para que haja então, a *diferença cultural*.¹⁰

⁸ Embora, neste artigo, façamos uma análise mais teórica, em outro trabalho apresentamos possíveis leituras dos textos e expressões culturais de forma mais detalhada.

⁹ O conceito foi utilizado com base em Stuart Hall em “Quem precisa da identidade?” In: *Identidade e diferença*. Segundo Hall, “ (...) a perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chave ‘sob rasura’. O sinal de ‘rasura’ (X) indica que eles não servem mais – não são mais ‘bons para se pensar’ em sua forma original, não reconstruída. Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a se pensar com eles (...)”. Esta idéia vincula -se também à questão da (re)construção da memória, desenvolvida em outro trabalho.

¹⁰ Estes elementos em itálico são conceitos apresentados a partir das perspectivas de Homi Bhabha em *O local da Cultura*.

Logo, torna-se necessário um deslocamento do olhar do crítico de cultura em direção às fronteiras interdisciplinares e ao dinamismo tanto das relações sociais quanto dos processos culturais e das construções identitárias sem perder de vista seu caráter ativo, pois ao passarem pela vontade e pela necessidade de afirmar o seu poder perante a sociedade excludente, essas produções representam o grito de vergonha, de temor e de revolta presente nos conflitos diários nas periferias.

Desta forma, entender como, a partir desses discursos, se constrói outra perspectiva, implica destacar que o intelectual em debate está longe de se encaixar no modelo ligado aos debates relacionados às grandes linhas de pensamento de uma época; agora, são os próprios excluídos que falam de seus dilemas econômicos, sociais e culturais; e não mais trata-se do outro - aquele que está fora do problema - falar pelo oprimido “Antes eram os intelectuais que escreviam sobre a periferia (...) Agora que escrevemos sobre nós, o que os intelectuais vão fazer? Que comam brioches!” (VAZ, 2007.p.116), “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.” (FERRÉZ, 2005, p. 9) “Moro dentro do tema” (FERRÉZ, 2006, contracapa).

Vale destacar o posicionamento de Antônio Gramsci, quanto à formação dos intelectuais:

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer (...), participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (...) uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso, (...) que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. (...) No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve construir a base do novo tipo de intelectual. (GRAMSCI, 1989. p. 7-8).

Gramsci elabora uma teoria, na qual faz um levantamento sobre o intelectual tradicional¹¹ e paralelamente, desenvolve as características de um outro tipo de intelectual associado à atividade industrial. O crítico sugere vários patamares para o papel do intelectual na sociedade moderna; ou melhor, ele fala que uma “atividade intelectual deve ser diferenciada em graus” (GRAMSCI, 1989. p.11).

A partir desta definição, percebemos que a esfera cultural e suas concepções como, por exemplo, o perfil do intelectual, bem como sua função na sociedade, o discurso, a linguagem, a ideologia e as relações de poder se desenvolvem em diversos níveis de elaboração,

¹¹ No trabalho em questão, o intelectual ligado aos debates relacionados às grandes linhas de pensamento de uma época, nomearemos como tradicional, aquele que conserva a herança fundada em tais posicionamentos, fixando-a como única e legítima.

considerando as variantes de cada grupo social.

Nessas narrativas o intelectual periférico ingressa politicamente em um confronto discursivo que antes de tudo, é uma luta por aquisição de poder. Através da palavra, este sujeito faz com que, a partir do seu papel social e cultural dentro das comunidades pobres, sejam revelados os desequilíbrios derivados de uma realidade de exclusão.

Intelectuais que, motivados pelo sentimento de pertencimento a uma dada comunidade, em suas produções recuperam, sobretudo, a “memória de todas aquelas coisas que tendem a ser desprezadas ou deixadas no limbo, na ânsia de um julgamento e uma ação coletiva” (SAID, 2003. p. 44).

Ainda em relação ao papel do intelectual apresentado por Said, destaca-se a definição:

(...) não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. Assim, o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2003, p. 26).

A reflexão de Edward Said sobre a função do intelectual parte do princípio de que este indivíduo seja um sujeito ativo na sociedade, isto é, deve ser um sujeito cujo papel público seja de contestação do *status quo*.

A partir dessa abordagem, constatamos portanto, que o intelectual *periférico* busca resgatar o discurso do “povo que constrói esse país” (FERRÉZ, 2005, p. 10), mediando a voz do marginalizado e (re)significando miradas acerca da produção suburbana - “de rua (...) com um ideal” (FERRÉZ, 2005, p. 10), para que “o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura” (FERRÉZ, 2005, p. 10).

Desse modo, esse intelectual se impõe pela práxis, ou seja, pelo seu discurso e pela a sua atividade prática, buscando construir a enunciação em que *suplemente* a voz do dominador, apresentando argumentos que articulem respostas dos dominados aos que dominam.

A construção da cultura brasileira passa pelas estratégias discursivas de não reconhecimento, de articulação e de identificação com discursos “em nome 'do povo'¹² ou 'da

¹² O conceito de povo expresso ao longo do trabalho também é apresentado conforme as concepções adotadas por Bhabha, em *O Local da Cultura*. 2005. p.206. Segundo o crítico, “O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social”.

nação” (BHABHA, 2005, p.206). E esse não reconhecimento faz com que haja no imaginário coletivo a fragmentação entre os grupos, ou seja, os indivíduos se agrupam em “eu” e o “outro” e, simultaneamente, não reconhecem como legítimos os discursos culturais que não pertencem ao cotidiano social de cada grupamento.

É pela comparação que o indivíduo estabelece relação com o “outro” e se identifica e se agrupa em “nós” e “eles”. E em decorrência dessa bipolaridade “nós” afirma-se a partir da existência do “outro”, garantindo uma representação assimétrica, cuja oposição ideológica entre “nós” e “eles” segue uma lógica na qual um sustenta seu poder a partir da dominação do outro.

Verifiquemos o que Michel Foucault afirma sobre os intelectuais e o poder:

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (...) Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder (...) denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder. (FOUCAULT, 1982. p.75-76).

A ideologia é um instrumento eficaz para a construção do discurso dominante e para manter cristalizada a identidade nacional. É comum ver os *estabelecidos* usando a ideologia e expressando-se discursivamente, “nós” – “os brasileiros”, ou “a nação brasileira”, “a boa sociedade” “nós, que realmente, construímos um Brasil melhor”, como uma de suas estratégias para manipular o discurso e se manter no poder. A palavra *estabelecidos* foi utilizada segundo nomeia e define o sociólogo Norbert Elias para designar aqueles que ocupam uma posição social privilegiada e de poder que reforça a submissão a partir de um controle ideológico no qual são reconhecidos e com quem se identificam por pertencerem a grupos superiores, um modelo a ser seguido. Este termo entretanto, só pode ser destacado a partir de uma relação direta com os *outsiders* - indivíduos vistos pelos estabelecidos como possuidores de grande “inferioridade” humana e pouco ou nenhum poder. Esta configuração *estabelecidos-outsiders* apresenta-se como estratégia que reforça a dominação, cristaliza a(s) identidade(s) e mantém a supremacia do poder a partir de uma dinâmica da exclusão e da estigmatização.

Verifiquemos o que afirma Norbert Elias em *Os Estabelecidos e os Outsiders*:

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsiders por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se

prevalecer. O desprezo absoluto e a estigmatização unilateral e irremediável dos outsiders(...) apontam para um equilíbrio de poder muito instável. Afixar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a superioridade social. (...)Tão logo diminuem as disparidades de forças ou, em outras palavras, a desigualdade do equilíbrio de poder, os antigos outsiders, por sua vez, tendem a retaliar. Apela para a contra-estigmatização.

Como a ideologia é flutuante e esta concepção se aplica aos que detêm o poder, e possuí-lo implica tomar o discurso para si, nesta conjuntura “Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder”, pois “a idéia de que são agentes da 'consciência' e do discurso também faz parte deste sistema.” (FOUCAULT, 1982. p.71) e a questão aqui exposta é principalmente, a desigualdade de poder que há entre o discurso do dominador e o discurso do dominado e que garante a supremacia ideológica do primeiro sobre o segundo a partir de uma lógica da exclusão, da estigmatização e da violação.

O preconceito permite que haja uma intensa violação tanto do corpo físico quanto do corpo social¹³. E a consciência desta estigmatização tende a ser traumática e a provocar desequilíbrios no SER (enquanto sujeito histórico e cultural), recalque e intensificação da violência como reação ao processo de violação. Tais procedimentos tendem também a destruir a(s) identidade(s) culturais bem como as subjetividades.

Ainda em relação aos procedimentos adotados pelos dominadores para com os dominados, nota-se que alguns destes incitam movimentos de contra-estigmatização. E manifestações culturais como o rap e a Literatura Marginal atuam nesta direção e posicionam-se contra o preconceito social, cultural e étnico a fim de alterar a direção do poder, que não significa uma inversão plena e absoluta, mas uma mudança no desequilíbrio dessas forças, que pouco a pouco, vai diminuindo a desigualdade entre elas.

Um dos fatores responsáveis por esta modificação é a produção de discursos de afirmação identitária que recuperem a cultura própria dos *outsiders* e a história antes ocultada, dando voz e vez aos que foram de certo modo sufocados pelo poder e que agora, se expressam através da palavra.

Se “falar é existir de modo absoluto para o outro” (FANON, 1983, p.16), é uma estratégia de afirmação da identidade. Embora não haja o fim da dominação cultural, pode-se dizer que há uma diferença na desigualdade do poder à medida que falar é considerado um modo de resistir à severa realidade imposta, de libertar o “eu” de visões estereotipadas marcadas pela negação, pela redução da superestrutura ao nível da falta de infra-estrutura. Tomando como referência a perspectiva marxista o SER determina a consciência, ou seja, as

¹³ Chamamos de “corpo social” o indivíduo enquanto sujeito da sua história e enquanto integrante de um sistema de significação cultural que, inserido em um dado contexto social, tende a posicionar-se em relação a este.

condições de vida modulam a forma de pensar do sujeito. E se tomar a palavra é um ato político e criativo, desde que este sujeito desenvolva uma consciência crítica, o poder movimenta-se em outra direção, pois além destes discursos partirem de outro *locus* de enunciação são produções que, embora um tanto ambivalentes, apresentam estratégias de resistência no que se refere tanto à luta diária do cotidiano das favelas quanto à construção discursiva contra a violência e a opressão.

Desta forma, a posição que o dominado ocupa frente ao dominador, segundo Fanon, é fundamental para entendermos como a imposição de uma identidade “forjada”, altera a compreensão que o indivíduo inferiorizado tem de si, enquanto indivíduo social, e também pode reforçar a dominação.

Konstantinov afirma ainda, que “É certo que cada classe, em função de sua situação particular no seio da sociedade e das tarefas históricas que lhe incumbem, criam por intermédio de seus ideólogos a sua própria ideologia, historicamente fundada.” (KONSTANTINOV, 1970, p.36); logo, esse intelectual vê na contestação do *status quo* a ruptura com a ideologia que mascara a cultura da periferia. E reconhece ser a linguagem uma eficiente arma no confronto simbólico entre os que governam e os que são governados.

Assim, podemos vislumbrar a ambivalência presente na base da ideologia, pois ao mesmo tempo que ela serve aos interesses dos que governam, também serve aos que são governados. Possibilitando assim, garantir o poder conforme a tomada do discurso - aquele que toma o turno da enunciação para si, dando visibilidade a sua performance, é o mesmo que obtém o poder, ainda que esta seja uma tarefa pautada na simultaneidade.

A partir de perspectivas com ênfase em vozes excluídas por um sistema de representação hegemônico, tornou-se possível considerarmos as novas visões emergentes que adotam discursos que *suplementam* a ideologia dominante, à medida que há uma mudança na qual o poder da palavra visita outro *locus* de enunciação, re-significa a cultura, re-constrói a memória das minorias e altera o imaginário nacional. São vozes plurais que emergem das margens do poder estabelecido e lutam pela construção da cultura *periférica*, buscando reformular o discurso ignorado pela história excludente.

Embora neste texto ainda não seja possível pensar a música considerando todos os seus elementos relevantes, ao longo deste artigo destacaremos o rap enquanto performance desenvolvida pelo rapper ao se apresentar. E a “Literatura Marginal” será pormenorizada para que se possa entender como ela surgiu, sua origem, algumas de suas características principais, porquê recebeu esta denominação e o motivo pelo qual fazemos a aproximação desta literatura com a música do movimento Hip Hop. Sendo que mais adiante, articularemos estes

discursos a outras enunciações para que pensemos a questão do intelectual, as mediações identitárias e as ambivalências a partir de uma mudança do *locus* de enunciação.

O Hip Hop é considerado, desde a década de 80 do século passado, como movimento cultural juvenil, através do qual jovens moradores das periferias pobres das metrópoles brasileiras manifestavam a insatisfação pelas precárias condições de vida a que estavam submetidos. É composto pelas seguintes expressões: o rap (a música), o break (a dança) e o grafite (a arte gráfica). Mas restringiremos nossa análise ao rap e destacaremos apenas alguns elementos como, por exemplo, o rapper (também chamado de MC – Mestre de Cerimônias - que é um misto de cantor e compositor, podendo não necessariamente ocupar estas duas posições) e o DJ (responsável pela mixagem).

Apresentado um discurso que oscila entre a constatação e a contestação, o rap é considerado a expressão mais forte do movimento Hip Hop brasileiro e é definido regularmente, como sendo uma música de protesto, que envolve diversos temas do cotidiano das periferias pobres. Embora também saibamos da relevância de outros elementos e características (como, por exemplo, a melodia, a harmonia, o canto, o ritmo, as letras e até a mixagem) para a construção de possíveis análises do rap, destacaremos a construção de perspectivas ideológicas apresentadas em um canto acelerado, marcado pela fala; no qual a voz do rapper repleta de dicções exaltadas, apresenta a palavra como se fosse uma “arma” simbólica que atua na aquisição de poder, à medida que há um deslocamento do *locus* de enunciação e se faz ouvir.

A denominada Literatura Marginal surge como desdobramento do Hip Hop, com a mesma linguagem, a mesma ideologia e partilhando das mesmas *identidades sociais*. E para que haja um breve entendimento acerca da palavra “Marginal”, gostaríamos de recorrer às afirmações de Ferréz, que apresenta uma definição para essa idéia ao afirmar que trata-se de uma produção “(...) feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” é “feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas” (FERRÉZ, 2005, p.12) e de Maurício Torres (crítico de cultura, prof. e militante em movimentos populares –no momento desenvolve uma pesquisa sobre exclusão social) “A expressão ‘marginal’ não fala da fronteira geográfica, mas, antes, designa uma condição social, étnica e cultural (TORRES, 2004, p. 119).”.

Com base nas afirmações de Ferréz de que a Literatura Marginal é um “Terrorismo literário” (FERRÉZ, 2005.p.9) e “A revolução tem que ser feita, pela arte ou pelo terror” (FERRÉZ, 2005), observa-se que esta literatura desde sua gênese deve ser uma resposta à omissão, uma proposta terrorista que se organiza ideologicamente, a partir do plano

simbólico. E a palavra é o instrumento pelo qual o intelectual atua como revolucionário, mediador e herói, na luta para romper com determinados padrões homogeneizantes - “o sonho não é seguir o padrão (...), somos a contra opinião” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Embora, a vontade e a necessidade dos excluídos em obter o reconhecimento de sua cultura seja, freqüentemente, destacado pelos discursos *marginais*, a aceitação por parte de outros circuitos sociais não é condição para a existência de tais produções, e seus autores possuem consciência de que a adesão a essa nova acepção não atinge toda a sociedade brasileira “não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não” (FERRÉZ, 2005, p.10).

E mesmo que, a produção do grupo de rap *Racionais MC's* e os textos de Ferréz tenham surgido em um contexto comum aos moradores de periferias pobres, com temáticas que atendessem aos anseios de um público específico, atualmente, nota-se um interesse (ainda que velado) para que a enunciação ultrapasse o limiar das comunidades excluídas e atinja outras parcelas da sociedade. Observe o fragmento abaixo, também retirado do prefácio “Terrorismo literário”, no qual Ferréz afirma:

(...) nos tirem o pouco que sobrou, até o nome, já não escolhemos o sobrenome, deixamos para os donos da casa-grande escolherem por nós (...) o mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos. (...). Estamos na rua, loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês não podem negar, podem fechar os olhos, virar as costas, mas, como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide este país. (FERRÉZ, 2005, p. 11).

Há um empenho em se fazer ouvir, uma necessidade de usar a palavra como forma de exteriorizar a indignação frente aos problemas gerados por uma realidade social de exclusão e às vozes e pessoas esquecidas, e sobretudo, como uma alternativa para se adquirir poder – falar é uma performance que também exemplifica um desejo por poder, sendo este um elemento que se revela na enunciação e é modificado concomitantemente, há uma mudança do e no enunciador a partir do discurso proferido. Permitindo que o discurso seja alterado pelo sujeito, e este seja modificado pelo mesmo e com isso, haja também uma intensificação das relações de poder.

O poder também atua de forma a criar condições em prol de desrecalcar tanto os sujeitos da enunciação quanto os indivíduos que se identificam com ele, à medida que as identidades pessoais e sociais são afirmadas e os estereótipos vão sendo paulatinamente, diluídos. Embora não haja o fim da estigmatização e muitas vezes, o enunciador crie situações embaraçosas e, ao contrário, reforce o preconceito.

Fazendo parte de nossa mirada pensar quais formas de resistência podem emergir da constatação e da contestação destes sujeitos em relação ao mundo, pensamos a resistência a partir da perspectiva de que são discursos de (re)significação, ou melhor, são construções que *rasuram* discursos dominantes e revelam a presença significativa desses grupos na (re)construção de identidades em processo e na (re)invenção do imaginário. Contrariando expectativas, que ao contrário, insistem na afirmação da existência “aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”, “Permaneço vivo, prossigo a mística!”, “27 anos, contrariando a estatística!” (*Racionais MC's*, “capítulo 4 versículo 3!”).

Reinventar discursos, reinventar narrativas que revelem tensões, identidades sociais e culturais em conflito. Reinventar enunciados que se aproximem das circunstâncias heterogêneas que deram origem a eles, tendo como propósito (re)construir identidades capazes de deslocar tais discursos de ausência e de proporcionar visibilidade – uma estratégia de aquisição de poder que garante ao sujeito morador da periferia e produtor de cultura sair da invisibilidade – resistir - esse é um forte aspecto tanto do rap quanto da literatura marginal. Se são originados de contextos heterogêneos nos quais as especificidades de cada comunidade dão o tom das reflexões acerca do vivido, então é de se esperar que estes discursos embora apresentem características distintas, tendam a enfatizar questões semelhantes como, por exemplo, a necessidade de ter direito à voz, ou melhor, de (re)formular a representação da periferia como espaço de significativas produções.

Analisar, portanto, a emergência de novas vozes bem como o papel do intelectual implica observar os desdobramentos dessas representações culturais no imaginário nacional, permitindo uma (re)significação do mesmo concomitante à mudança do *locus* e do sujeito da enunciação. Pois ao sair da invisibilidade, esses intelectuais (re)construem identidades, estabelecem negociações que impulsionam a articulação com outras identidades bem como com outros sistemas de representações, alterando antigas perspectivas centralizadoras e favorecendo diálogos ainda que ambivalentes, fundamentais ao imaginário em processo.

RIASSUNTO: La intenzione è analizzare il processo di costruzione dell'identità culturale, svariata e dubbia e l'apparizione di uno nuovo intellettuale nella società brasiliana. Per questo, osserveremo discorsi nel quale il *rap* - la musica del *Hip Hop*- e la *Literatura Marginal* saranno articolati alla questione sociale, dunque capiamo che la correlazione di questi fattori favoregge alla produzione di strategie di resistenza e di (re)significazione dello immaginario nazionale.

Parole-chiave: Discorso; identità; Intellettuale; Immaginario Nazionale

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BROWN. Mano. *Roda Viva*. In: TV Cultura. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/318/racionais%20mcs/entrevistados/manobrown_2007.htm>, acesso em 21 de setembro de 2009
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 3ªed. São Paulo: Ed. Moderna: 1982.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FERRÉZ, (ORG). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3.ed. 1982.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 3. ed. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GRAMSCI, Antonio, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GUIMARÃES, César e Vera França (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Quem precisa da identidade? In. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva(org)*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- _____. Da diáspora: Identidade e mediações culturais. (Org.) Liv Sovik; Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HOLLANDA. Heloisa Buarque de (Org.). *Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- KONSTANTINOV, F., *Sociologia e Ideologia*. Trad. Carlos Grifo. S/cidade: Lisboa, 1970.
- RACIONAIS MC's. *Ao vivo*. Cosa Nostra/Zâmbia, 2001.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Ed.Schwarcz Ltda, 2005.
- SILVA. Tadeu da Silva. (ORG). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.